

# Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética 4

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



# Ensino e Aprendizagem como Unidade Dialética 4

Solange Aparecida de Souza Monteiro  
(Organizadora)



2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Geraldo Alves  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### Conselho Editorial

#### Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
E59	Ensino e aprendizagem como unidade dialética 4 [recurso eletrônico] / Organizador Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. – (Ensino e Aprendizagem Como Unidade Dialética; v. 4)  Formato: PDF Requisitos de sistemas: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-810-6 DOI 10.22533/at.ed.106192211  1. Aprendizagem. 2. Educação. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.  CDD 370
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## APRESENTAÇÃO

O presente livro apresenta artigos fundamentada num estudo teórico sobre a identificação das condições e circunstâncias que possibilitam a integração das ações de ensino e aprendizagem no contexto escolar. Torna-se necessário, portanto, explicitar em termos gerais como e de que forma o homem, como ser genérico, por meio das relações sociais, apropria-se do conhecimento, cria novas possibilidades de transformação da sua própria constituição e da sociedade. Considerar a dimensão ontológica da constituição do ser humano, que se estabelece por meio da atividade educativa, vincula-se ao conceito de práxis. Tal conceituação, segundo Vázquez (1977, p. 3), deve ser entendida “como atividade material do homem que transforma o mundo natural e social para fazer dele um mundo humano”. Na relação entre o ensino e a aprendizagem, como instrumento e produto da atividade educativa em geral, concebe-se, a partir do referencial teórico do materialismo histórico-dialético, da psicologia histórico-cultural e da teoria da atividade, a existência de atividades humanas particulares. Uma dessas atividades, segundo Moura (1996), é a atividade de ensino que tem a função particular de organizar ações que possibilitem aos sujeitos o acesso aos conhecimentos elaborados sócio historicamente. Ao explicitar o objeto da educação, Saviani (2011) indica que é preciso levar em conta os elementos culturais que precisam ser apropriados para que os sujeitos se humanizem e, de maneira articulada, as formas de ensino mais adequadas para este fim. Os elementos culturais (traduzidos na escola pelos conteúdos das diferentes áreas de conhecimento) precisam atender à dimensão de totalidade, tanto quanto precisam ter em vista o movimento e contradição presentes na realidade concreta, sendo estas três categorias basilares ao método materialista histórico-dialético do qual a pedagogia histórico-crítica erige. O que procuramos chamar atenção é, portanto, que a didática histórico-crítica não pode estar descolada de seus fundamentos e assim, não pode ser pensada de modo lógico-formal, que compartimentaliza e segmenta a compreensão dos fenômenos em geral e, particularmente aqui em foco, o trabalho didático. Constituição de consciência deve ser considerada objeto central das ações pedagógicas na escola, pois, para que seja possível obter a unidade entre as ações de ensino e aprendizagem, tanto o professor quanto o estudante devem ser conscientes do seu lugar social e de suas funções ontológicas.

Leontiev (1983), ao se referir ao sentido do estudo para a criança que compreende a necessidade e os motivos reais do mesmo, afirma que “[...] o sentido que adquire para a criança o objeto de suas ações didáticas, o objeto de seu estudo, é determinado pelos motivos de sua atividade didática. Este sentido também caracteriza a *aprendizagem consciente* de conhecimentos pela criança” (p. 246). No entanto, o autor considera não ser suficiente a apropriação da significação do objeto de estudo; é necessário educar o estudante para que ele perceba a “reprodução” do objeto de estudo numa “relação adequada” a respeito do que é estudado; tal relação pode ser

possibilitada por situações em que o estudante se aproprie das relações presentes no processo de elaboração do próprio conhecimento. De acordo com Leontiev (1983, p. 246), “somente assim se satisfaz essa condição [aprendizagem consciente], os conhecimentos adquiridos se converterão para ele [o estudante] em conhecimentos vivos, serão ‘órgãos de sua individualidade’ genuínos e, em seu tempo, determinarão sua relação a respeito do mundo”.

A aprendizagem consciente requer que as ações dos estudantes sejam mobilizadas pela relação entre o significado e o sentido da atividade de aprendizagem, além da necessidade de considerar as relações internas e externas presentes na elaboração do objeto de estudo. Deve-se considerar os nexos internos do conceito elaborados ao longo da historicidade do mesmo, assim como se deve levar em conta as conexões que o mesmo tem com as relações humanas em geral. Afirma-se que é a partir deste processo de apropriação das elaborações humanas constituídas sócio historicamente - os conceitos - que se torna possível a transformação da constituição objetiva e subjetiva dos indivíduos, crianças e estudantes em geral.

A organização do ensino que possibilite a criação de condições adequadas para que ocorra a aprendizagem consciente por parte dos estudantes é preponderante para que a finalidade da atividade pedagógica se objetive no processo de ensino e aprendizagem. A objetivação da relação entre o motivo e o objetivo da atividade pedagógica por meio das ações e operações realizadas pelo educador e pelo estudante é identificada, segundo os diversos autores do enfoque histórico-cultural, como a atividade orientada para o ensino e a aprendizagem.

Forma a possibilitar que a unidade contraditória entre as especificidades do ensino e da aprendizagem ocorram: por um lado, o ensino desenvolvido pelo professor, responsável por elencar, selecionar e categorizar diferentes tipos de conhecimento que precisam ser convertidos em saber escolar, reconhecer sua importância para a formação humana, bem como planejar e acionar as formas mais adequadas de sua transmissão. De outro lado, a aprendizagem realizada pelo aluno que, ao se apropriar do saber elaborado, poderá ter – dentre as várias facetas de seu processo formativo – o desenvolvimento de ferramentas de pensamento (complexas funções psíquicas superiores) as quais viabilizem a captação subjetiva desta realidade objetiva na sua máxima fidedignidade.

A atuação prática material do sujeito, executada de forma consciente sobre a realidade natural ou humana, transformando-a, é identificada por Vázquez (1977) como práxis. Assim, o produto dessa atividade prática deve ser objetivado materialmente na constituição da nova realidade. A partir de tais considerações, concebe-se que a práxis é uma atividade humana consciente que se diferencia da atuação prática desvinculada de uma finalidade e apresenta um produto final que se objetiva materialmente. Trata-se de uma atividade orientada por um fim que, segundo Vázquez (1977), ocorre em dois níveis, ou seja, “essa atividade implica na intervenção da consciência, graças à qual o resultado existe duas vezes – e em tempos diferentes –: como resultado ideal

e como produto real” (Vázquez, 1977, p. 187). A extensão e o significado da categoria de práxis relacionados ao trabalho são explicitados por Jaroszewski (1980) ao identificar os elementos que constituem a estrutura do processo do trabalho humano como o contato material do homem com a natureza, as atividades orientadas e as qualificações práticas e os conhecimentos utilizados no curso da produção. O autor afirma que o resultado final desse processo “[...] é a criação dum novo ‘produto’- quer dizer, dum objeto transformado pela atividade humana indispensável para satisfazer as necessidades do homem” (Jaroszewski, 1980, p. 9).

Os educadores também se educam durante a atividade pedagógica. Esse pressuposto tem como fundamento o lugar social do educador, que lhe atribui as funções de organizar o ensino, definir conteúdos e criar situações desencadeadoras da atividade de aprendizagem a serem realizadas pelos estudantes. Nesse processo coletivo de estudo e devido às mediações que promove, o próprio educador também é educado. Concebe-se, portanto, que, além dos conhecimentos que o educador deva ter apropriado acerca dos fundamentos teórico-metodológicos que definem as ações, os quais proporcionam transformações no psiquismo dos estudantes, e além dos conhecimentos que necessariamente precisa ter para ensinar os conteúdos escolares, o educador também se forme no movimento de organização do ensino. Por meio do processo reflexivo de elaboração da organização das ações orientadas para o ensino e a aprendizagem dos conteúdos escolares, o educador transforma-se, modifique-se, em virtude da necessidade de definir ações e operações na atividade pedagógica que possibilitem a concretização da aprendizagem por parte dos estudantes.

Concordamos à proposição de Duarte (2013, p. 246-247), ao sublinhar que “[...] quando a escola ensina de fato, quando ela consegue fazer com que os alunos aprendam os conteúdos em suas formas mais ricas e desenvolvidas, ela se posiciona a favor do socialismo, mesmo que seus agentes não tenham consciência disso. ” O ponto fulcral da didática histórico crítica é, portanto, o comprometimento com o ensino de qualidade, com a aprendizagem efetiva e com o enraizamento pedagógico alicerçado, consolidado, engajado e comprometido com a formação da classe trabalhadora, tendo neste ideal alfa e ômega da pedagogia histórico crítica.

No caso do educador, o sentido pessoal de sua atividade torna-se correspondente ao significado social de sua ação no movimento de formação profissional, no que se refere à formação inicial e à formação em exercício. É no processo de formação, ao assumir a posição de estudante, que o educador se apropria dos conteúdos da sua atividade principal, a atividade orientada para o ensino e aprendizagem dos conteúdos escolares. A constituição da consciência do lugar social do educador é desenvolvida na coletividade, no processo de integração a uma classe produtiva que tem finalidades instituídas na sociedade letrada.

A aprendizagem consciente requer que as ações dos estudantes sejam mobilizadas pela relação entre o significado e o sentido da atividade de aprendizagem, além da necessidade de considerar as relações internas e externas presentes na

elaboração do objeto de estudo. Deve-se considerar os nexos internos do conceito elaborados ao longo da historicidade do mesmo, assim como se deve levar em conta as conexões que o mesmo tem com as relações humanas em geral. Afirma-se que é a partir deste processo de apropriação das elaborações humanas constituídas sócio historicamente - os conceitos - que se torna possível a transformação da constituição objetiva e subjetiva dos indivíduos, crianças e estudantes em geral. A organização do ensino que possibilite a criação de condições adequadas para que ocorra a aprendizagem consciente por parte dos estudantes é preponderante para que a finalidade da atividade pedagógica se objetive no processo de ensino e aprendizagem. A objetivação da relação entre o motivo e o objetivo da atividade pedagógica por meio das ações e operações realizadas pelo educador e pelo estudante é identificada, segundo os diversos autores do enfoque histórico-cultural, como a atividade orientada para o ensino e a aprendizagem.

Criar um novo espaço de luta pela formação integral do aluno, por meio da qual possa perceber as contradições históricas que geraram o conhecimento aprendido, bem como sua vinculação com o contexto histórico, de forma a buscar transformações na vida particular e na práxis social. Neste contexto, a compreensão teórico-metodológica da mediação dialético-pedagógica permite ao professor compreender a dimensão ontológica da aula como práxis educativa, entendendo-a como sua produção, algo que não lhe é estranho. Isto fortalece o professor no enfrentamento das condições impostas à Educação Escolar pelo capital, por meio de sua própria práxis educativa, ou seja, da aula como ato humano e consciente na luta pela emancipação humana.

Solange Aparecida de Souza Monteiro



## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CHEMISTRY WIZARD: APRENDENDO ATRAVÉS DA EXPERIMENTAÇÃO	
Maria Tereza Fabbro Luís Presley Serejo dos Santos Silvana Rodrigues Fabiana Cristina Corrêa Rodrigues Rita de Cássia Alves da Silva David Alexandro Graves Jéssica Paola da Silva Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1061922111</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA: O QUE DIZEM AS PESQUISAS	
Willyan da Silva Caetano João Augusto Grecco Pelloso Lucival Bento Paulino Filho Maise Rodrigues Sá Giacomeli Claudio Zarate Sanavria Anderson Martins Corrêa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1061922112</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
FORMAÇÃO DE CONCEITOS CIENTÍFICOS A PARTIR DO JOGO DIDÁTICO	
Adana Teixeira Gonzaga Caroline Barroncas de Oliveira Priscila Eduarda Dessimoni Morhy	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1061922113</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>27</b>
CIÊNCIA CIDADÃ: TRABALHO VOLUNTÁRIO COMO FONTE DE APRENDIZADO E MOTIVAÇÃO	
Gislaine Aparecida Barana Delbianco Laís Barana Delbianco	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1061922114</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>34</b>
FUNÇÃO DE 1º GRAU: UM ENCONTRO COM A NUTRIÇÃO	
Ivete Regina Vieira Torres Amanda José Pereira do Nascimento	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1061922115</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>41</b>
DESIGN THINKING AN ANTHROPOLOGICAL "PLACE" IN THE UNIVERSITY CLASSROOM	
Paulo Sergio de Sena Messias Borges Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1061922116</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>54</b>
INCENTIVO À FORMAÇÃO DOCENTE NAS ESCOLAS TÉCNICAS: AS METODOLOGIAS ATIVAS EM FOCO	
Ana Paula Haiek Martinez Thiago Pedro de Abreu	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1061922117</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>62</b>
A DIVERSIDADE EM LIVROS DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS: ANÁLISE SEMIÓTICA DE IMAGENS PARADAS	
Katiane Pompermayer Natália Lima Lira Maristela Rosso Walker	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1061922118</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>73</b>
O ENSINO DO CANTO PARA CRIANÇAS: OLHARES E PERSPECTIVAS	
Bruna Alves de Araujo Vivianne Aparecida Lopes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.1061922119</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>84</b>
HISTÓRIA EM QUADRINHOS DIGITAL: EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DE SEU USO NO ENSINO E NA APRENDIZAGEM MATEMÁTICA	
Nahara Morais Leite Abigail Fregni Lins	
<b>DOI 10.22533/at.ed.10619221110</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>96</b>
O GÊNERO TEXTUAL MAPA MENTAL, COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO, EM AULAS DE LITERATURA	
Kathia Alexandra Lara Canizares	
<b>DOI 10.22533/at.ed.10619221111</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>103</b>
MODELAGEM MATEMÁTICA: UMA PROPOSTA DIDÁTICA UTILIZANDO GARRAFAS PET NO ESTUDO DA GEOMETRIA	
Danielly Barbosa de Sousa Eliane Farias Ananias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.10619221112</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>115</b>
POLITECNIA E ENSINO MÉDIO INTEGRADO: PERSPECTIVAS EDUCACIONAIS	
João Augusto Grecco Pelloso Willyan da Silva Caetano Maise Rodrigues Sá Giacomeli Anderson Martins Corrêa Claudio Zarate Sanavria	
<b>DOI 10.22533/at.ed.10619221113</b>	

<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>124</b>
O TECNÓLOGO E AS COMPETÊNCIAS PARA O SÉCULO XXI	
Sergio Pamboukian Roberto Kanaane	
<b>DOI 10.22533/at.ed.10619221114</b>	
<b>CAPÍTULO 15</b> .....	<b>131</b>
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS APLICADAS EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: APOIO TECNOLÓGICO DA FATEC TATUÍ À ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL BARÃO DE SURUÍ	
Maria do Carmo Vara Lopes Orsi José Carlos Ferreira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.10619221115</b>	
<b>CAPÍTULO 16</b> .....	<b>139</b>
UM ESTUDO SOBRE A RELAÇÃO COM O SABER NO SETOR PRIVADO: ESTUDANTES DE MEDICINA, QUEM SÃO?	
Karina Sales Vieira Bernard Charlot Veleida Anahi da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.10619221116</b>	
<b>CAPÍTULO 17</b> .....	<b>151</b>
PROJETO “ADMINISTRAÇÃO EM AÇÃO”: TRANSDISCIPLINARIDADE, PROTAGONISMO DISCENTE E INTEGRAÇÃO COM A COMUNIDADE	
Rafael de Andrade Fernandes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.10619221117</b>	
<b>CAPÍTULO 18</b> .....	<b>157</b>
UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DE MATEMÁTICA PARA ALUNOS DO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL ATENDIDOS NA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAL	
Graciela Siegloch Lins Marcos Lübeck	
<b>DOI 10.22533/at.ed.10619221118</b>	
<b>CAPÍTULO 19</b> .....	<b>166</b>
UMA REVISÃO SOBRE FERRAMENTAS DIGITAIS PARA APRENDIZAGEM COLABORATIVA	
Leonardo de Andrade Carneiro Humberto Xavier de Araújo David Nadler Prata Gentil Veloso Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.10619221119</b>	

<b>CAPÍTULO 20</b> .....	<b>178</b>
O CONHECIMENTO CIENTÍFICO COMO BASE PARA A CRIATIVIDADE DOS ESTUDANTES NA PRODUÇÃO DE EXPERIMENTOS DIDÁTICOS	
Fabio Pinto de Arruda	
DOI 10.22533/at.ed.10619221120	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>187</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>188</b>

## O ENSINO DO CANTO PARA CRIANÇAS: OLHARES E PERSPECTIVAS

**Bruna Alves de Araujo**

Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Artes – Minas Gerais

**Vivianne Aparecida Lopes**

Universidade Federal de Uberlândia, Instituto de Artes – Minas Gerais

**RESUMO:** Este trabalho, fruto de um projeto de iniciação científica desenvolvido no âmbito do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal de Uberlândia, e vinculado ao grupo de pesquisa MUSIPEC – Grupo de Pesquisa em Música, Prática Curriculares e Pedagogia do Canto (Infantil e Adolescente), busca analisar o conhecimento científico produzido até o momento sobre o ensino de canto para crianças e levantar as principais estratégias e metodologias apontadas por diferentes autores no que concerne ao modo como este ensino deve ser realizado. Almeja ainda reforçar a importância de uma prática vocal consciente nesta faixa etária, visto que o cantar faz parte da realidade das crianças, e deve, portanto, ser realizado de uma forma mais orientada, sem prejuízo da saúde vocal do público infantil. Para este fim, utiliza-se como recurso metodológico de pesquisa a revisão bibliográfica. A proposta é identificar os trabalhos produzidos sobre o tema tanto no Brasil como no exterior, e suscitar o desenvolvimento de novos estudos na área.

Acredita-se que a pesquisa possa contribuir também para a desmistificação da ideia de que o trabalho técnico vocal não deve ser realizado com crianças. Através do levantamento já realizado pelas investigadoras percebe-se que realizado da forma correta, com as devidas estratégias e metodologias, o ensino de canto para crianças pode ser um importante instrumento não apenas para o desenvolvimento vocal deste público, mas para a aprendizagem musical como um todo, favorecendo ainda aspectos como comunicação e socialização.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino do Canto, Estratégias e Metodologias, Crianças.

### TEACHING SINGING TO CHILDREN: LOOK AND PROSPECTS

**ABSTRACT:** This work, result of a scientific initiation project developed under the Degree in Music at the Federal University of Uberlândia, and linked to the research group MUSIPEC-Research Group on Music, Curriculum Practice and Singing Pedagogy (Children and Adolescents), seeks to analyze the scientific knowledge produced so far about the teaching singing to children and to raise the main strategies and methodologies pointed out by different authors regarding how this teaching should be performed. It also aims to reinforce the importance of conscious vocal practice in this

age group, since singing is part of children's reality, and should therefore be performed in a more oriented manner, without prejudice to the vocal health of children. To this end, the methodological research resource used is the literature review. The proposal is to identify the works produced on the subject in Brazil and abroad, and encourage the development of new studies in the area. It is believed that the research may also contribute to the demystification of the idea that vocal technical work should not be performed with children. Through the survey already carried out by the researchers, it can be seen that performed correctly, with the proper strategies and methodologies, teaching singing to children can be an important instrument not only for the vocal development of this audience, but for the musical learning, favoring as well aspects such communication and socialization.

**KEYWORDS:** Teaching Singing, Strategies and Methodologies, Children.

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo é fruto de uma pesquisa de iniciação científica que visa analisar o conhecimento produzido até o momento sobre o ensino de canto para crianças e levantar as principais estratégias e metodologias apontadas por diferentes autores no que concerne ao modo como este ensino deve ser realizado. A escolha da temática partiu da prática das investigadoras, que atuam como professoras de canto, especialmente com o público infantil, e da percepção do pouco material disponível atualmente em nosso país para o direcionamento deste tipo de trabalho. Destaca-se que apesar do canto ser parte do cotidiano das crianças e um recurso muito utilizado nas escolas, parcela significativa de profissionais que atuam na área não tem formação, o que pode trazer problemas na prática e gerar questionamentos se este ensino deve ou não ser realizado.

Analisando estas questões, este estudo procura trazer perspectivas de diferentes autores sobre a temática e promover reflexões sobre os mitos que giram em torno desta prática. Professores e estudiosos que vêm de formações mais tradicionais, por exemplo, acreditam que o canto pode ser prejudicial às crianças e que adolescentes em muda vocal não podem cantar. Este tipo de crença construída ao longo dos anos faz com que muitos professores fiquem confusos sobre os caminhos para se trabalhar com este público. Torna-se importante assim promover reflexões sobre qual a melhor maneira de se realizar este tipo de trabalho pensando-se especialmente na preservação da saúde vocal das crianças e na formação dos profissionais que atuam na área.

Percebe-se que a procura deste público por aulas de canto tem se tornado cada vez mais elevada. É preciso portanto que informações e pesquisas sérias sejam mais difundidas para que crianças e adolescentes possam ter uma aprendizagem vocal correta. As metodologias e estratégias utilizadas pelos professores devem ser adequadas ao desenvolvimento da criança, especialmente no que concerne às

questões fisiológicas. Este conhecimento pelos profissionais é fundamental para se pensar nas formas de se ensinar o canto para esse público.

Refletindo sobre estas questões, no tópico que segue apresentam-se perspectivas de diferentes autores sobre o ensino de canto para crianças. Considerando que as disfonias vocais infantis causadas por abuso vocal ou por um ensino incorreto são cada vez mais comuns, aponta-se também o conceito de disfonia e fala-se sobre o papel do regente, do professor de música e do professor de canto na formação vocal das crianças e adolescentes, bem como sobre os reflexos do contexto familiar e escolar na qualidade vocal infantil. O segundo tópico trará o levantamento realizado até o momento com a pesquisa e apresentará a relação dos principais textos já publicados no Brasil e em Portugal sobre a temática ou que estejam a ela relacionados.

## 2 | AS CRIANÇAS NÃO PODEM CANTAR? POR QUÊ?

Por muito tempo acreditou-se que as crianças não deveriam cantar, pois era uma atividade prejudicial à saúde vocal das mesmas. Segundo Pereira (2006, p. 33), “durante anos considerou-se que não se podia ensinar crianças a cantar por ser, eventualmente, danoso, devido à imaturidade do seu ‘sistema’ vocal.” Porém, com o avanço científico e tecnológico, estas concepções foram sendo desmistificadas e substituídas por pesquisas que constata, por exemplo, que crianças que têm aulas de canto possuem saúde vocal e são bem mais resistentes vocalmente do que crianças que não têm (PEREIRA, 2006). A mesma opinião é evidenciada por Carnassale (1995), quando diz:

Se a voz das crianças fosse assim tão sensível, a grande maioria delas apresentaria algum problema no aparelho fonador, a julgar pelo tamanho do desgaste a que o submetem, o que se pode notar quando crianças se juntam para brincar. Mas não é isso que se constata nas estatísticas de várias pesquisas realizadas em escolas. (CARNASSALE, 1995, p. 22).

Como apresentado anteriormente, crianças podem sim cantar, e é importante que o façam. Com uma boa orientação as crianças adquirem mais resistência vocal e aprendem a utilizar seu aparelho fonador da maneira correta, mantendo também uma voz saudável. No período de muda vocal, principalmente nos meninos, o canto pode ser um aliado para que esse processo ocorra com maior tranquilidade. Até recentemente esta perspectiva seria encarada com receio, pois considerava-se que o canto era prejudicial nessa fase da vida. A este respeito Welch (2003) afirma:

[...] investigadores mais antigos acreditavam que era normal os rapazes terem dificuldade em cantar durante a adolescência, daí sugerirem que a atividade deveria ser interrompida até a fase de jovem adulto. Contudo, as investigações mais recentes demonstraram existir um padrão na mudança de voz do adolescente e que é possível continuar a cantar com qualidade e sem grande esforço desde que escolhido um currículo apropriado. (COOKSEY; WELCH, 1998 apud WELCH,

Percebe-se, portanto, que a prática do canto é benéfica desde que o que se ensina e o modo como se ensina sejam pensados e ajustados de forma coerente para cada público. Adolescentes em muda vocal têm potencial para cantar e de uma forma saudável. É preciso que o professor esteja atento às características das vozes e que promova o desenvolvimento de uma orientação vocal assertiva; que seja também uma boa referência vocal para os alunos. Conforme apontado por autores como Giga (2006) e Gaborim (2015) grande parte das crianças e adolescentes hoje em dia seguem modelos vocais. Entretanto, esses “modelos” são de adultos, que têm tessitura e extensão vocal diferentes. Sem uma orientação bem direcionada, a voz ainda em formação, poderá imitar de forma descuidada os adultos, realizando notas muito graves ou muito agudas, ou mesmo fazendo efeitos vocais para os quais as crianças, fisiologicamente, ainda não estão preparadas. De acordo com Giga (2006, p. 71), “se a criança já arrasta consigo, desde a infância, perturbações da função vocal, estas agravam-se durante a puberdade”. A autora é categórica ainda ao afirmar que considera “decisivo para a saúde vocal futura da criança que esta aprenda a utilizar corretamente a sua voz antes da puberdade e o mais cedo possível.” (GIGA, 2006, p.71). Ainda sobre esses modelos vocais que não são favoráveis para as crianças, a autora Ana Lúcia Gaborim (2015) explica:

Essa forma intuitiva de cantar – aparentemente inofensiva – gera alguns problemas ao aprendizado do canto e na manutenção da saúde vocal infantil: geralmente, os intérpretes são adultos e entoam as melodias em uma tonalidade mais grave do que a tessitura infantil - ou então, tentam imitar as vozes infantis e emitem vozes estereotipadas, geralmente com uma emissão muito aberta e estridente. Além disso, suas vozes dificilmente são bem colocadas (empostadas), gerando uma fadiga vocal pelo uso excessivo da chamada “voz de peito”; os sons agudos, quando aparecem, são obtidos com grande esforço ou com gritos (sons “de garganta”); a respiração dos intérpretes geralmente é ocultada das gravações, e portanto, não há preocupação com o modo como se respira e com sua importância no canto. Além disso, ao reproduzirem as canções, os alunos não têm noção de afinação e bons hábitos vocais. (GABORIM- MOREIRA, 2015, p. 242).

Com esta forma intuitiva e imitativa de cantar, como classifica a autora, percebe-se que os problemas vocais infantis aumentam significativamente, pois não há um preparo adequado; o que é fundamental no canto. As canções não estão em tonalidades confortáveis, a voz é usada em excesso, de maneira que as crianças cantam com muito esforço e acabam sofrendo um grande desgaste vocal, o que pode provocar, ao longo do tempo, o aparecimento de disfonias. Para que estes aspectos sejam melhor percebidos apresenta-se de forma sucinta a definição de disfonia vocal adotada neste trabalho:

A disfonia é entendida como um enfraquecimento de todos os parâmetros vocais, apresentando várias modificações na qualidade do som, como na altura ou na intensidade. Na infância, a disfonia pode apresentar consequências nefastas ao



nível do desenvolvimento da capacidade de comunicação socialmente adequada ou mesmo no desenvolvimento afetivo-emocional. Se não for precocemente detectada poderá não ser possível a reabilitação completa e a criança perpetuará a disфонia na idade adulta. (DIAS; OLIVEIRA; BASTOS, 2015, p. 178).

Outro ponto importante a destacar é que muitas vezes os pais, pelo desconhecimento sobre voz, e os programas de talento infantis, incentivam um tipo de comportamento vocal não saudável. Percebe-se que grande parte das crianças não são corrigidas, não são encaminhadas a um fonoaudiólogo ou a um professor de canto e frequentemente são incentivadas a continuar cantando em esforço, com muitos efeitos vocais, pois é com essa voz que alcançarão o “sucesso”. Além da influência da mídia, o contexto familiar reflete-se de forma significativa no modo como a criança fala e canta. De acordo com Welch (2003, p. 8), “o comportamento vocal individual está fortemente relacionado com o estilo de vida pessoal”. Se o lar é muito ruidoso, se os pais falam muito alto ou se possuem maus hábitos como o fumo, a criança está propensa a repetir estes comportamentos. Lugares como escola, igreja e espaços públicos também influenciam a criação de hábitos vocais ruins, como Dias et. al. (2015) evidenciam no seguinte trecho:

A aprendizagem e uso de hábitos vocais inadequados ocorrem durante o desenvolvimento da criança, em ambiente escolar, em socialização com os pares, na prática de desportos coletivos, em casa com os seus familiares ou mesmo quando brinca sozinha. São hábitos definidos pelo uso incorreto da voz que incluem comportamentos bruscos que podem ser traumáticos, tais como: gritar, falar excessivamente ou em sussurro, competir com os sons de fundo, realizar um ataque vocal brusco, chorar prolongadamente, pigarrear, tossir, imitar vozes, cantar sem técnica, não manter uma hidratação adequada, ingerir bebidas muito frias ou quentes, ausência ou escassez de momentos de repouso vocal adequado ou a exposição a mudanças de temperaturas e ambientes com fumo” (DIAS; OLIVEIRA; BASTOS, 2015, p. 178).

É pensando nestas questões que se destaca o importante papel do regente e/ou professor de canto ou música na formação vocal das crianças. Dos textos analisados no levantamento inicial da pesquisa, autores Vechi (2016), Gaborim-Moreira (2015) e Fragoso (2018), trazem relatos de professores que falam sobre a dificuldade para adequar as músicas à tonalidade das crianças e afirmam também não saber como realizar um aquecimento vocal de forma correta, ou mesmo como cantar com as crianças. Os professores do sexo masculino mencionam também o uso do falsete, que reforçam não ter impacto positivo na percepção das crianças, dificultando a emissão vocal correta. Esses relatos são preocupantes. É preciso que os professores tenham o conhecimento necessário para trabalhar a voz infantil, pois só assim terão condições de realizar uma prática que não seja prejudicial à saúde vocal dos alunos. De acordo com Pereira (2006)

A laringe infantil é diferente da do adulto em dimensão, posicionamento e histologia. Esta laringe não pode produzir nem uma voz com a mesma tessitura, nem com

a mesma dinâmica de uma laringe adulta; as camadas de mucosa não estão totalmente distintas; sendo assim, os padrões vibratórios não são idênticos, o que significa que as nuances tímbricas são diferentes quando comparadas com as do adulto; a densidade das cartilagens é menor tendo uma menor resistência ao trabalho muscular. (PEREIRA, 2006, p. 36)

Reforça-se assim que é preciso que o regente, o professor de canto ou o professor de música que utilize o canto em suas aulas saiba ajustar a tonalidade das músicas que trabalha, respeitando a tessitura dos cantores, ou seja, a região confortável para o canto, não explorando os extremos das vozes. Além disso, deve fazer o aquecimento vocal de forma correta, sem forçar a voz da criança. Leck (1996) apresenta o seguinte direcionamento:

[...] ao fazer um vocalise com seus pequenos cantores, busque fragmentos descendentes, isto é, começando da nota mais aguda em direção à nota mais grave. O primeiro esforço será para atingir a nota mais aguda do fragmento e depois o exercício será mais fácil. Isto, certamente, evitará as tensões comuns à medida que o exercício vai ficando mais agudo, subindo-se por semitons. (LECK, 1996 apud COSTA, 2013, p.81).

Tal pensamento se opõe ao que é mais praticado e defendido por professores de canto e também pela pesquisadora portuguesa, Ana Leonor Pereira (2006, p.36) que afirma que “[...] notas muito agudas, ou em grande intensidade, não são possíveis e o cansaço vocal é atingido mais rapidamente”. Williams (2003; 2005) também reforça:

De um modo global, [...] compreende-se que a técnica vocal utilizada para adultos é, na maioria dos aspectos, a mesma que se deve utilizar para as crianças. As diferenças mais proeminentes residem no fato de a técnica vocal infantil dever evitar notas agudas, grande intensidade de som e sustentação prolongada pela própria impossibilidade do instrumento em desenvolvimento. (WILLIAMS, 2003; 2005 apud PEREIRA, 2006, p. 40)

Percebe-se desta forma, que realizar o vocalize de forma inversa, do agudo para o grave, pode provocar tensões, levando ao surgimento de desconfortos vocais nos alunos. Para evitar este tipo de situação Pereira (2006) aponta:

Os problemas com que muitas vezes se deparam os professores de música e os diretores de coro, no que às vezes diz respeito são, na sua maioria, resultantes de más interpretações, ou de visões simplistas de técnica vocal. Seria, por isso mesmo, muito mais frutífero um trabalho de equipe no qual o diretor do coro infantil fizesse uma parceria com o professor de canto, ou no qual o professor de música pudesse ter um professor de canto para consultar (PEREIRA, 2006, p. 41).

Portanto, é preciso que os profissionais do canto e demais profissionais que o utilizem no trabalho com crianças busquem se especializar e estar em constante processo de formação e contato com outros profissionais da área. É importante também que o professor de canto olhe para cada aluno de forma única. É necessário que as crianças tenham uma boa formação vocal para que possam ter saúde vocal

e para continuar a cantar futuramente; e mesmo que não queiram seguir carreira no canto, tenham saúde vocal para se comunicar. Defende-se assim que a necessidade de cada aluno seja vista de forma individual, mesmo em aulas coletivas, pois cada um aprende no seu tempo. Cada um possui uma necessidade. O trabalho sendo feito desta forma a criança poderá sim cantar. Por que não?

### **3 | O QUE JÁ FOI PRODUZIDO SOBRE A TEMÁTICA DO ENSINO DO CANTO PARA CRIANÇAS – BRASIL & PORTUGAL**

Através de experiências na área de canto e educação musical, bem como do trabalho de pesquisa que tem sido desenvolvido pelo grupo de pesquisa Música, Práticas Curriculares e Pedagogia do Canto (MUSIPEC) e pelas autoras, integrantes do grupo, percebe-se que no Brasil são escassos os estudos sobre o ensino do canto para crianças, bem como os materiais didáticos produzidos sobre o tema. Grande parte do que é feito em nosso país volta-se para o canto coral infantil ou infanto-juvenil, não tratando o ensino de canto em caráter individual. O levantamento inicial, realizado entre os meses de março e julho de 2019, englobou a busca por livros, trabalhos acadêmicos diversos (monografias, dissertações, teses), artigos publicados em periódicos brasileiros e portugueses e comunicações apresentadas em congressos.

Um trabalho de destaque no cenário nacional é a dissertação de mestrado da autora Gabriela Josias Carnassale, de 1995, direcionado exclusivamente às discussões sobre o ensino de canto para crianças e adolescentes. As demais pesquisas e publicações científicas encontradas que se relacionam com a realidade vivenciada por professores no Brasil voltam-se para o trabalho coral infantil e infanto-juvenil, conforme apresentado nos quadros que seguem. Um material significativo sobre a temática foi encontrado em Portugal através da Associação Portuguesa de Educação Musical (APEM), do qual destacam-se os trabalhos das autoras Ana Leonor Pereira (*A voz cantada infantil: pedagogia e didáctica*, 2006) e Idalete Giga (*A educação vocal da criança*, 2004). Ainda em Portugal, uma dissertação que traz considerações importantes sobre o tema é a da professora e pesquisadora Liliana Coelho, *Projeto educação da inserção da disciplina de canto no ensino básico em Portugal*, defendida em 2012. A autora advoga a inserção das aulas de canto na educação básica.

Sobre canto coral infantil e infanto-juvenil há trabalhos recentes de grande relevância no Brasil como a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Juliana Melleiro (UNICAMP) e Ana Lúcia Gaborim (UFMS). Com o intuito de contribuir com as pesquisas na área de canto infantil e auxiliar pesquisadores e professores de canto que trabalhem com crianças, apresenta-se a seguir um quadro elaborado pelas autoras que elenca os principais trabalhos consultados e analisados até o momento. Engloba-se neste espaço artigos, teses e dissertações tanto brasileiras como portuguesas.

ARTIGOS BRASILEIROS SOBRE CANTO CORAL INFANTIL	ARTIGOS BRASILEIROS SOBRE CANTO CORAL INFANTIL	ARTIGOS PORTUGUESES SOBRE ENSINO DE CANTO INFANTIL	ARTIGO INGLÊS SOBRE CANTO PUBLICADO EM PORTUGAL
<p><b>Arranjo para coro infantil: recortes e ferramentas.</b></p> <p>Autora: Dayse Fragoso <b>Revista:</b> ABEM (2018)</p>	<p><b>Da garganta vem a voz: um projeto de educação para a saúde.</b></p> <p>Autoras: Maria do Rosário Dias, Ângela Maria Rodrigues Oliveira Ana Catarina Monteiro Medina Bastos</p> <p><b>Revista:</b> Distúrb Comun, SP (2015)</p>	<p><b>A educação vocal da criança.</b></p> <p>Autora: Idalete Giga</p> <p><b>Revista:</b> Música, Psicologia e Educação. (2004)</p>	<p><b>Investigar o desenvolvimento da voz e do canto ao longo da vida</b></p> <p>Autor: Graham F. Welch</p> <p><b>Revista:</b> Música, Psicologia e Educação (2003)</p>
<p><b>O canto, os professores de música e a escola básica.</b></p> <p>Autora: Hortência Vechi</p> <p>Encontro Regional Sul da ABEM (2016)</p>		<p><b>A voz cantada infantil: pedagogia e didáctica.</b></p> <p>Autora: Ana Leonor Pereira</p> <p><b>Revista:</b> Revista de Educação Musical – APEM (2009)</p>	
<p><b>Lá vem o crocodilo... Exercícios vocais para crianças de 7 a 10 anos.</b></p> <p>Autora: Patrícia Costa <b>Revista:</b> Música na Educação Básica (2013)</p>			
<p><b>Canto coral infantil: reflexões sobre a prática do regente e os novos conhecimentos em Pedagogia Vocal.</b></p> <p>Autores: Leila Uchôa N. Saldanha Geraldo Silveira Viana Junior</p> <p>XIII Encontro Regional Nordeste da ABEM: Teresina (2016)</p>			

Quadro 1: Artigos brasileiros e portugueses sobre o ensino do canto para crianças

Fonte: Autoras, 2019.

DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS SOBRE O ENSINO DO CANTO PARA CRIANÇAS	DISSERTAÇÕES PORTUGUESAS SOBRE O ENSINO DO CANTO PARA CRIANÇAS	DISSERTAÇÕES BRASILEIRAS SOBRE O CANTO CORAL INFANTIL	TESES BRASILEIRAS SOBRE CANTO CORAL INFANTIL E/OU INFANTO-JUVENIL
<p><b>O ensino de canto para crianças e adolescentes.</b></p> <p><b>Autora:</b> Gabriela Josias Carnassale UNICAMP (1995).</p>	<p><b>Projeto educação da inserção da disciplina de canto no ensino básico em Portugal</b></p> <p><b>Autora:</b> Liliana Sofia Braga Coelho.</p> <p>Universidade de Aveiro (2012)</p>	<p><b>Preparo vocal para coro infantil: análise, descrição e relato da proposta do Maestro Henry Leck aplicada ao “Coral da Gente” do Instituto Baccarelli.</b></p> <p><b>Autora:</b> Juliana Melleiro Rheinboldt, UNICAMP(2014)</p>	<p><b>Regência coral infantojuvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU.</b></p> <p><b>Autora:</b> Ana Lúcia Gaborim Moreira USP (2015)</p>
			<p><b>Preparo vocal para coros infantis: considerações e propostas pedagógicas</b></p> <p><b>Autora:</b> Juliana Melleiro Rheinboldt, UNICAMP (2018)</p>

Quadro 2: Dissertações e teses brasileiras e portuguesas sobre o ensino do canto para crianças

Fonte: Autoras, 2019.

Percebe-se assim, através do que foi elencado e analisado até o momento, que apesar de haver bons estudos e trabalhos já feitos sobre o tema, há necessidade do desenvolvimento de novas pesquisas, especialmente em nosso país, que se dediquem às questões inerentes ao ensino do canto para crianças. É significativo o número de profissionais que trabalham com este público, mas falta direcionamento. Muitas vezes a técnica do lírico é replicada com crianças e adolescentes, o que não é recomendável. A escassez de material e pesquisas só acentua estas incongruências.

Como sequência da pesquisa, pretende-se buscar trabalhos desenvolvidos em outros países referência na área, como Estados Unidos e Inglaterra, e ampliar os quadros já construídos de publicações sobre a temática. Espera-se com esta dinâmica fomentar a partilha do que já foi produzido, especialmente para que este material possa ser mais divulgado no meio acadêmico, e chegue aos professores de música em formação, que muitas vezes não têm as referências corretas para atuarem ou mesmo não sabem como devem conduzir o trabalho vocal com o público infantil e adolescente. O trabalho consciente realizado por um professor com formação na

área permitirá que a criança que queira estudar canto construa aos poucos a sua formação, de forma cuidada e assertiva.

#### 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do que foi exposto anteriormente, reforça-se a importância do canto para crianças, pois cantar, ouvir música, participar e ter experiências musicais é crucial no processo pedagógico e educativo (CASTRO, 2011). Vislumbra-se também os benefícios que, de um modo geral, o ensino do canto proporciona para as crianças. Dialogar com profissionais da área sobre esta temática não é tarefa fácil. Muitos professores com formação mais tradicional alegam que as crianças não podem ter aulas de canto. No entanto, o canto é uma realidade para o público infantil desde muito cedo e é cada vez maior o número de crianças que procuram instituições públicas ou privadas com o interesse de aprender a cantar ou aperfeiçoar a voz.

Pontua-se assim, que a proposta de dar seguimento ao estudo deve-se, também, às muitas dúvidas que ainda existem sobre o ensino de canto para crianças, o que pode ser prejudicial para os profissionais que atuam na área e têm formação, bem como para as crianças, que muitas vezes trabalham a prática vocal sem uma orientação ou com professores que não têm formação, prejudicando sua saúde vocal. É neste contexto que se considera essa pesquisa relevante, pois permitirá um olhar mais acurado sobre a temática, reforçando a busca por estratégias e metodologias que sejam ajustadas ao público infantil.

#### REFERÊNCIAS

- CARNASSALE, Gabriela Josias. **O ensino de canto para crianças e adolescentes**. 1995: 183f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- CASTRO, Isabel. Cantar cedo para as crianças, uma forma de aprender. **Revista de Educação Musical – APEM**. Lisboa, n.136, p.26-32, janeiro-junho 2011.
- COELHO, Líliliana Sofia Braga. **Projeto educativo: Da inserção da disciplina de canto no ensino básico em Portugal**. 2012. 167p. Dissertação (Mestrado em Música) – Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2012.
- COSTA, Patrícia. Lá vem o crocodilo... Exercícios vocais para crianças de 7 a 10 anos. **Música na Educação Básica**, Brasília, v. 5, n. 5, p. 79-87, 2013.
- DIAS, Maria do Rosário; OLIVEIRA, Ângela Maria Rodrigues; BASTOS, Ana Catarina Monteiro Medina. Da garganta vem a voz: um projeto de educação para a saúde. **Distúrb Comun**, São Paulo, v. 27, n.1, p.182-191, março, 2015.
- FRAGOSO, Dayse. Arranjo para coro infantil: recortes e ferramentas. **Revista da ABEM**, v. 26, n. 41, jul./dez. 2018.
- GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia Iara. **Regência coral infantojuvenil no contexto da extensão**

**universitária:** a experiência do PCIU. 2015. 574p. Tese (Doutorado em Música) – Escola de Comunicações e Arte, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2015.

GIGA, Idalete. A educação vocal da criança. **Música, Psicologia e Educação**, Porto, n.6, p. 69-80, 2004.

PEREIRA, Ana Leonor. A voz cantada infantil: pedagogia e didáctica. **Revista de Educação Musical**, Lisboa, n.132, p. 33-45, 2006.

RHEINBOLDT, Juliana Melleiro. **Preparo vocal para coro infantil:** análise, descrição e relato da proposta do Maestro Henry Leck aplicada ao “Coro da Gente” do Instituto Baccarelli. 2014: 182f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

SALDANHA, Leila Uchôa N.; JUNIOR, Geraldo Silveira Viana. Canto coral infantil: reflexões sobre a prática do regente e os novos conhecimentos em Pedagogia Vocal. In: Encontro Regional Nordeste da ABEM, 13., 2016, Teresina. **Anais...** Teresina: UFPI, Teresina, 2016. Disponível em: <http://abemeducaomusical.com.br/conferencias/index.php/regnd2016/regnd2016/paper/view/2120/895>. Acesso em: 05 de jul. de 2019.

VECHI, Hortência. O canto, os professores de música e a escola básica. In: Encontro Regional Sul da ABEM, 17., 2016, Curitiba. **Anais...** Curitiba: UNESPAR, 2016. p. 1-13.

WELCH. Graham F. Investigar o desenvolvimento da voz e do canto ao longo da vida. **Música, Psicologia e Educação**, Porto, n. 05, p. 05-20, 2003.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**Solange Aparecida de Souza Monteiro** - Doutoranda em Educação Escolar. Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupungá (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo (IFSP/Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: - Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio as Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE), Membro da Equipe de Formação Continuada de Professores. Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, História da Educação Sexual, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afro-brasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-raciais. Participa do Grupo de pesquisa - GESTELD - Grupo de Estudos em Educação, Sexualidade, Tecnologias, Linguagens e Discursos. Membro desde 2018 do Grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos da Sexualidade - NUSEX”.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Ações formativas 54, 55, 56, 59, 60

Active learning methodologies 41

Água 6, 34, 37, 38, 110, 113, 131, 132, 133, 134, 136, 181

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 33, 36, 38, 54, 55, 57, 59, 61, 73, 74, 77, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 105, 110, 111, 112, 113, 114, 128, 129, 131, 136, 137, 138, 140, 151, 152, 153, 155, 156, 157, 158, 161, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 186

Aprendizagem colaborativa 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175

Avaliação 19, 21, 22, 23, 28, 29, 30, 58, 71, 85, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 130, 137, 152, 153, 154, 156, 168

### C

Cidadania ambiental 27

Ciência cidadã 27, 28, 33

Ciências 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 13, 14, 18, 19, 20, 22, 24, 25, 26, 29, 33, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 88, 95, 106, 119, 123, 127, 136, 138, 149, 162, 178, 181, 187

Classroom 41, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 62, 103, 132, 158, 177

Competência 36, 60, 97, 98, 124, 125, 127, 129, 137

Comunidade 3, 27, 28, 64, 117, 133, 151, 152, 153, 156, 162, 168, 170, 172

Conceitos em ciências 18

Conhecimento científico 1, 3, 4, 5, 6, 7, 29, 73, 178, 179, 181, 185, 186

Crianças 27, 30, 31, 32, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 104

Criatividade 4, 5, 6, 32, 87, 88, 94, 96, 97, 104, 156, 168, 178, 180

Curso superior de tecnologia 124

### D

Design thinking 41, 42, 52

Diversidade 7, 19, 62, 63, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 158, 160, 163, 165

Docentes 7, 12, 19, 23, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 62, 70, 128, 129, 132, 168, 172, 175

Dualismo 9, 14, 115, 116, 118, 119

### E

Educação humanizadora 178, 185

Educação matemática 36, 105

Educação profissional 9, 10, 11, 13, 17, 115, 120, 130

Ensino aprendizagem 21, 54

Ensino-aprendizagem 4, 55, 114, 129, 152, 155, 170

Ensino de história 9, 10, 11, 12, 15, 17

Ensino de química 2

Ensino do canto 73, 79, 80, 81, 82

Ensino médio integrado 11, 115, 116, 120

Ensino superior privado 139

Estratégias 18, 20, 22, 23, 24, 25, 30, 34, 36, 39, 55, 59, 73, 74, 82, 95, 138, 151, 154, 156, 157, 171, 172, 174, 175

Estratégias de ensino 18, 20, 23, 24, 25, 59, 157

Estudante de medicina 144

Experimentação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 33

## **F**

FATEC-SP 124, 126, 128, 129, 130

Ferramentas digitais 166, 167, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175

Função afim 34, 35

## **G**

Gênero textual 96, 99, 101

## **H**

História em quadrinhos digital 84

## **I**

Inclusão 62, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 88, 102, 125, 129, 130, 158, 159, 160, 163, 164, 165, 166, 168

Investigação 1, 3, 5, 21, 30, 56, 61, 84, 89, 90, 92, 95, 139, 141, 163, 164, 167, 181, 182

## **L**

Livros didáticos 29, 62, 63, 64, 65, 67, 70, 71, 85

## **M**

Mapa conceitual 96, 99, 153

Matemática 5, 14, 29, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 84, 85, 88, 89, 90, 92, 94, 95, 103, 104, 105, 112, 113, 114, 127, 129, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165

Metodologia 3, 18, 21, 22, 52, 57, 58, 59, 62, 65, 70, 86, 89, 99, 102, 105, 113, 124, 129, 130, 131, 152, 156, 163, 165, 168, 173, 178, 187

Metodologias ativas 36, 52, 54, 55, 56, 60, 61, 128, 129, 130, 151, 152, 155, 156

Modelagem matemática 103, 104, 105, 112, 113

## **N**

Nutrição 34, 36, 37, 38, 39, 58

## **O**

O jogo 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 154

## **P**

PIBIC 84, 85, 89

Politecnia 9, 10, 13, 14, 16, 17, 115, 116, 120, 121, 122, 123

Prática de ensino 26, 131, 132, 133

Prática docente 25, 34, 54

## **R**

Relação com o saber 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 149

## **S**

Sala de recursos multifuncional 159, 162, 163

Sustentabilidade ambiental 103

## **T**

TCC 84, 85, 95

Tecnólogo 124, 125, 129

Trabalho voluntário 27, 28, 30, 33

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-810-6



9 788572 478106